

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

Rogério Max Canedo Silva

Por essas estradas o homem voa nas asas de sua fantasia:
História e ficção em *Chegou o governador*, de Bernardo Élis

Goiânia
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS

Rogério Max Canedo Silva

Por essas estradas o homem voa nas asas de sua fantasia:
História e ficção em *Chegou o governador*, de Bernardo Élis

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo A. Bergamo

Goiânia
2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

Canedo, Rogério Max.

Por essas estradas o homem voa nas asas de sua fantasia
[manuscrito] : História e ficção em *Chegou o governador*,
de Bernardo Élis / Rogério Max Canedo. – 2011.

200 f.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo A. Bergamo

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras, 2011.

Bibliografia.

Anexos.

À minha mãe...

...a ela, também, pelo heroísmo com que sempre conduziu nossas vidas. Por todas as lutas que precisou travar com o mundo, no afã de amenizar nossas dores. Por ter se doado com tanto afinco à causa de sua prole, ensinando aos seus filhos que para além das adversidades é preciso ser bom e honesto, sempre.

... porque nas várias partidas, sabiamente, incentivou-me com palavras, enquanto seu coração insistia por minha permanência.

... porque a amo muito, incorrendo, assim, na inevitável redundância.

... E, principalmente, porque tens sido a justificativa mais verdadeira para as minhas investidas acadêmicas. É ao lembrar-me da senhora que o cansaço e a gana de desistir se diluem, deixando espaço para novos projetos e fôlego para reiniciar a caminhada.

A senhora, devo os meus sonhos...

Agradecimentos

À CAPES (Coordenação do Pessoal de Nível Superior), pelo apoio financeiro disponibilizado.

À banca de qualificação, composta pelos professores Rogério Santana dos Santos, Zênia de Faria e Edvaldo Bergamo, pelas contribuições valiosas que fizeram a este trabalho. Também por se fazerem efetivos no meu processo de formação na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

À Faculdade de História da UFG, sobretudo aos professores Danilo Rabelo e Cristina de Cássia, pela oportunidade de cursar com eles, na referida instituição, a disciplina *Historiografia e Metodologia de Pesquisa na História de Goiás*.

À Universidade de Brasília, em especial ao TEL, e aos professores Hermenegildo Bastos, Alexandre Pilati, Ana Laura Corrêa dos Reis e Deane Maria Fonsêca de Castro e Costa, pela acolhida na UnB e por estarem sempre dispostos a me auxiliar na pesquisa, oferecendo leituras e abrindo diálogo constantemente. Aproveito para salientar a importância dos cursos, que frequentei nessa Universidade, para minha formação acadêmica.

Ao grupo de pesquisa *Literatura e modernidade periférica*, da Universidade de Brasília, por ampliar consideravelmente meus horizontes críticos e teóricos.

Ao CEDAE (Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio) – Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp, na pessoa de Cristiano Diniz, pelo primeiro contato mais concreto com as fontes de escrita e pesquisa de Bernardo Élis.

Ao programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás.

À Sala de Leitura, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, cujos coordenadores, Johnathan e Renata, foram importantes parceiros. Pelo imensurável auxílio que prestaram a mim durante o percurso de minhas leituras nesse ambiente.

Aos professores da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás: Vera Tietzmann, Luiz Maurício Rios, Marilúcia Ramos, Jorge Santana, Solange Fiuza Yokozawa e Sebastião Milani, pelos vários momentos em que eu, precisando de auxílio, pude contar com eles. Pelas disciplinas oferecidas e pela responsável dedicação em subsidiar-me, sempre que se fez necessário.

Às professoras Luciana e Débora, do curso de espanhol da *UnB Idiomas* da Universidade de Brasília; pela competência e dedicação quando necessitei de ajuda com os textos de segunda língua.

Aos colegas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, pelos vários momentos prazerosos.

A todos os colegas da Pós-Graduação da Universidade de Brasília, pelo companheirismo, amizade e presteza. A vocês também, obrigado pela acolhida.

Agradecimentos Especiais

Com imenso carinho e respeito, agradeço ao Prof. Dr. Edvaldo Bergamo, meu orientador de mestrado. A princípio por ter, um dia, me dado seu voto de confiança, aval que busquei honrar com bastante obstinação e perseverança. Por seu exemplo de rigor, dedicação exclusiva e impecável ao trabalho que desempenha como intelectual. Por abrir caminhos produtivos para minha formação. Por fazer-me orgulhoso todas as vezes que pronunciei publicamente o nome de meu mentor acadêmico. Convicto, posso afirmar o enorme valor de sua parceria nessa empreitada, não apenas pelo produto final, mas pelo crescimento amplo e consciente que tive ao longo dessa caminhada, da qual, incontestavelmente, devo-lhe os frutos.

Aos meus irmãos William, Júnior e Adriane, pelas palavras de incentivo, sempre à mão. Por terem compreendido a minha ausência do seio familiar, sobretudo naqueles momentos mais difíceis, em que nos sentimos seguros e protegidos quando estamos juntos. Sem dúvida, eu não teria concluído essa etapa sem apoio de vocês, que sempre acreditaram nos meus sonhos. Agora eles se tornam reais, por isso mesmo, divido-os, merecidamente, com vocês.

Ao meu pai, Randolpho Canedo (em memória). As tuas palavras ainda têm ressonância em meu coração. Tens feito muita falta...

Aos meus familiares, de forma geral, pelo carinho que sempre tiveram comigo. Nunca tive dúvida do apoio de todos. Recebam essa forma singela de agradecer e demonstrar o quanto sou feliz por isso.

Ao Ziel, que por ser tão amigo é desde longo tempo um irmão. Obrigado pelas leituras e pelas contribuições acadêmicas, mas, sobretudo, por ter aceitado e refutado os meus discursos, buscando, com isso, fazer de mim um ser cada vez mais pensante. Obrigado pela tua amizade, um alicerce para meu crescimento, em todos os níveis.

À minha amiga Maria Itália, companheira em todo curso de Graduação. Serei sempre grato pelas contribuições durante mais de quatro anos na Faculdade de Letras da UFG.

A Dona Verinha, pelos cafés, pelas conversas, pelo carinho e pelo apoio. Também a ela devo parcela de meu acesso ao mestrado. Isso porque, pelo enorme coração que tens, buscou pela minha presença quando eu era ausente.

À Juliana, sempre tão dedicada a escutar meus planos de estudante.

À Meirilayne, por ter sido o alívio, a presença, o carinho, o respeito e o lugar seguro onde tantas vezes fui buscar refúgio.

À Priscila, à Thami e à Jane, pessoas de notável inteligência e pelas quais tenho um imenso carinho e respeito; pela disposição nos diálogos, sempre muito prazerosos, por parte delas. Obrigado pela amizade de vocês.

Por fim, agradeço a Deus, por ter permitido que eu chegasse até aqui, mesmo com as oscilações de espírito, inerentes ao caminho...

A literatura enche o vazio da história.
Francisco A. Barbosa

Resumo

Neste trabalho proponho averiguar como o poeta, contista e romancista Bernardo Élis se apropria da história goiana para reconstruir, pelas vias da ficção, o cenário econômico, político e social próprio desse lugar, no início do século XIX. Em seu romance *Chegou o governador*, publicado em 1987, o autor apresenta, esteticamente, uma atmosfera que transporta o leitor para um determinado momento histórico de Goiás, a saber, os anos entre 1804 e 1809, correspondentes aos episódios de chegada e saída de D. Francisco de Assis Mascarenhas, ilustre figura política da empresa colonial portuguesa que governou magistralmente a Capitania de Goiás nos anos citados, segundo nos apresenta a historiografia local de que se vale nosso autor da ficção. Percebe-se assim, que a obra romanceada estabelece diálogo explícito com as ciências históricas, por isso mesmo, na pesquisa que propusemos, foi necessário analisar os registros historiográficos que mapearam as regiões centrais do Brasil durante o século XIX, mais especificamente, encontrar os apontamentos que deram conta dos fatos ocorridos em Goiás durante os primeiros anos do mencionado século. Por isso mesmo, o primeiro passo aqui foi anotar o que a história pôde contar. Em seguida, fez-se importante a abordagem sobre o conjunto de obras do autor da ficção, publicado em um período superior a quatro décadas, para perceber uma linha de força inerente ao romancista, a saber, a da representação social, por decorrência, histórica. Esse passo nos permitiu explorar outra discussão ainda hoje muito em voga, a relação entre literatura e história e o limite da fronteira entre as duas áreas, fazendo uso da reflexão de teóricos e importantes representantes dos dois campos. Posteriormente, a pesquisa enfoca a discussão do gênero romance como estrutura de criação artística que melhor se aproxima dos extratos sociais problematizados. É sabido que essa narrativa plural tem em sua fundação as marcas próprias da história, e por esse aspecto, apta a captá-las como mote para a elaboração ficcional. Ao discutir essas questões, chega-se ao fundamento maior dessa pesquisa, compreender sob qual base teórica o romance de Bernardo Élis está balizado: se nos princípios do romance histórico clássico, teorizados por Georg Lukács (1966); ou, se nos modos operacionais do novo romance histórico, discutidos por Fernando Ainsa (1991), ou, ainda, se a obra cotejada transita entre os modelos propostos e, se transita, de que maneira o faz. Por fim, *Chegou o governador* é visto, analiticamente, com base nas premissas teóricas apresentadas acima. É possível verificar como Bernardo Élis se valeu da história de seu povo para ilustrá-la e problematizá-la através da ficção, obtendo assim um sentido mais amplo e complexo dos fatos, que desse a ver o próprio movimento histórico local. Ao fazê-lo, Élis cumpre com aquilo que acreditamos ser o papel do artista: evidenciar o que não está dito, aguçando a consciência crítica do leitor sobre o andamento controverso e contraditório da história.

Palavras-Chaves: literatura e história; romance histórico clássico; novo romance histórico; *Chegou o governador*; Bernardo Élis.

Abstract

In this work, I intend to analyze how the poet, the short story writer and the novelist Bernardo Élis makes use of the History of Goiás in order to rebuild, through fiction, the economic, political and social scenery of this place, in the beginning of nineteenth century. In his novel *Chegou o Governador*, published in 1987, the author esthetically presents a realm that drives the reader to a specific historical period of Goiás which are the years between 1804 and 1809. These years correspond to the events of the arrival and departure of D. Francisco de Assis Mascarenhas, a distinguished political character of the Portuguese colonial company, who masterfully led the captaincy of Goiás during these years, according to the local historiography which were considered by Bernardo Élis in his novel. It can be observed the novel establishes an explicit dialogue to the historical studies, that is why, in this research we have proposed, it was necessary to analyze the historiographical records that have mapped the central regions of Brazil during the nineteenth century, moreover, to find the notes that were responsible to notice the events of Goiás during the beginning of the nineteenth century. For that reason, the first step I have taken was to take notes about what the History could tell. After that, it was necessary and approach on the amount of Bernardo Élis's works, all of them published in a period of more than four decades, in order to perceive the novelist's line of thought, related to the social and historical representation. This step let us explore another frequent discussion, the border limit between Literature and History through the reflection done by scholars and important representatives of both fields of knowledge. After that, the research focuses the discussion of the novel as the structure of artistic creation which gets closer to the problematized social events. It is known that this plural narrative has the History's features in its foundation and it is able to make use of this feature as the helm to the fictional work. When we bring out these questions, we are in the main purpose of this research: understanding in which theoretical base the Bernardo Élis' novel is established, whether in the principles of classic historical novel, theorized by Georg Lukács (1966), or in the operating modes of the new historical novel, discussed by Fernando Ainsa (1991), or if the novel moves among the both models, and if it does, how it happens. Finally, *Chegou o governador* is analytically seen in the bases of the theoretical principle mentioned. It is possible to verify how Bernardo Élis made use of the history of his people to illustrate it and problematize it through fiction getting a broader and more complex sense of the events that could demonstrate the local historical movement. By doing this, Élis complies with what we believe is the artist's role: show what is not said, sharpening the critical awareness of the reader about the controversial and contradictory progress of the History.

Keywords: Literature and History; classic historical novel; new historical novel; *Chegou o governador*; Bernardo Élis.

SUMÁRIO

“ESCREVER, PARA MIM, É VISLUMBRAR UM POUCO DE NOSSA VERDADEIRA FACE” (ou para introduzir).....	12
1. “AQUI, A GRANDE BATALHA FOI VENCER AS DISTÂNCIAS”: PERCURSOS DA HISTORIOGRAFIA EM GOIÁS.....	20
2. “UM DUELO QUE NINGUÉM VIU”: OS CAMINHOS ENTRELAÇADOS DA HISTÓRIA E DA LITERATURA.....	55
2.1. Romance histórico.....	71
2.2. Novo romance histórico.....	87
3. “E, FELIZMENTE, TENHO SEGUIDO O MEU INTENTO”: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL E HISTÓRICA NAS OBRAS DE BERNARDO ÉLIS.....	97
3.1. A poesia.....	102
3.2. O conto.....	111
3.3. O romance.....	123
3.4. O ensaio.....	136
3.5. Chegou o governador: a história e a ficção em Goiás.....	147
"ACIMA DE TUDO, CUMPRIA ADQUIRIR CONSCIÊNCIA" (ou para concluir).....	184
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	192
ANEXOS.....	200

“Escrever, para mim, é vislumbrar um pouco de nossa verdadeira face”

(ou para introduzir)

Pretendia o mimético, isto é, recriar a realidade, entendendo por realidade aquilo que eu não entendia como tal.

Bernardo Élis

Reconhecido escritor de contos e romances, Bernardo Élis Fleury de Campos Curado (1915-1997) deixou em evidência, em sua produção artística, questões de natureza teórica e crítica que possibilitam ainda hoje o debruçar de pesquisadores do campo dos estudos literários sobre a sua obra. Sua literatura aponta indubitavelmente para o homem do sertão brasileiro, por muito tempo isolado e integrante de um sistema sócio-político injusto e desigual, que o configurou por séculos, segundo vêm apontando os estudos analíticos acerca dessa figura. A capacidade social e humana de representação – como chamaremos no trabalho que aqui se apresenta – experimentada por Bernardo Élis pode ser detectada já no início de sua produção artística, com os escritos poéticos, produzidos nas décadas de 1930 e 1940, porém não cessa com *Primeira Chuva*, ao contrário, vai ganhando força e vantagem-se ao longo do percurso de escrita e de vida politicamente engajadas do autor de Corumbá de Goiás. No caminho que pretende nossa pesquisa, os traços reveladores dessa potencialidade de Élis de revelar o homem e o mundo através da arte vão sendo evidenciados, tanto que, no ciclo de produção estética do autor, a capacidade a representação chega a fazê-lo publicar em 1987 o romance histórico *Chegou o governador*, mote de nosso estudo e do qual falaremos largamente mais adiante.

A publicação de uma obra de ficção, que mantém nitidamente um diálogo com a história, por parte de um homem como Bernardo Élis, de maneira alguma pode ser considerada gratuita. Já no fim da década de 1980, posterior à consagração artística e possuidor de vários prêmios de ordem literária, o membro da Academia Brasileira de Letras debruça-se sobre árdua pesquisa acerca da história de Goiás, a fim de tecer pelos fios da ficção aquilo que a historiografia não pôde dar, a saber, a compreensão do movimento histórico do povo goiano, e ao fazê-lo, buscou compreender suas peculiaridades, coisa que as ciências ainda haviam deixado a dever. Ao proceder assim, parece-nos aqui clara a vontade aguerrida de um artista que busca representar o povo – sobretudo o seu povo – fazendo-o pelo viés do fictício. E é nessa medida que acreditamos veementemente na função transformadora da literatura, da qual comunga Bernardo Élis.

Antonio Candido define assim certo comportamento do pesquisador em literatura. Diz o estudioso, que “o crítico não se organiza inicialmente em função das obras que tem pela frente; mas o seu espírito é crítico antes do contato com as obras, e por isso ele se dirige a elas de uma certa maneira” (2003, p. 126). É bem provável que o exposto por Candido explique o principal caminho tomado por nossa pesquisa, pois diria que ela embrenha-se pelo que

acreditamos ser necessário em toda obra de arte eficiente: a capacidade de conscientização sobre nosso papel ativo enquanto ser social, por isso mesmo inserido em uma relação econômica que garante nossa condição de seres humanos, para retomarmos os dizeres de Marx (2004). E, talvez por crer em tais premissas, o encontro com as obras de Bernardo Élis foi um evento amplo e complexo, em que por incontáveis vezes o espírito crítico cedeu lugar a outro, bem menos científico, e por isso responsável pela capacidade também ampla e complexa do reconhecimento do texto como artefato para a visualização de outro mundo, justo e humano, que só poderia ser dado a ver pela obra literária.

Em *Goiás em sol maior*, ao falar sobre a dedicação literária do amigo próximo Eli Brasiliense, creio que Bernardo Élis expôs uma responsabilidade própria dos homens das letras. A respeito da prática romancista do escritor de *Pium*, Élis recorda, ao mesmo tempo em que teoriza, que o conterrâneo tinha um ideal e o pôs em exercício. “Não concordava com as injustiças, com o atraso, com as mazelas de nossa organização social, então as combateu de frente, nesse único combate válido, que é tornar o semelhante consciente da injustiça, do atraso, das mazelas” (1987, p. 134). A nosso ver, é também essa a função do escritor de *Chegou o governador*. Bernardo Élis foi declaradamente parcial às camadas populares menos favorecidas, penalizadas pelo atraso econômico do cerrado goiano; esquecidas pelo isolamento físico e pelo descaso político que por séculos assolaram esses ermos centrais do Brasil.

Por essas vias é que a pesquisa aqui pretende caminhar. Em seu romance histórico, as linhas que conduzem a literatura e a história do povo goiano estão de tal forma imbricadas que se fez necessário um estudo para compreender o intento do escritor, ao estabelecer diálogo tão evidente entre as duas áreas. As marcas da construção histórico-social de Goiás vão sendo reveladas pelas veredas da ficção. Tanto é assim, que o objetivo aqui foi configurar a referida produção estética como pertencente a esse desdobramento do gênero narrativo sob a luz, principalmente, das teorias de Georg Lukács (1966) e Fernando Ainsa (1991), no que tange à narrativa de extração histórica¹. Ao focalizar a obra de 1987 no campo dos estudos literários que se destinam à discussão das fronteiras entre o verídico e o fictício, sobrelevaram razões para justificar ser Bernardo Élis escritor preocupado em compreender a história de seu povo e, sobretudo, revelá-la de maneira mais problematizadora e complexa através da literatura. Esse é o ponto do romance em questão. Obra que dá a ver um sentido

¹ A expressão “narrativa de extração histórica” foi cunhada por André Trouche. Conferir em: TROUCHE, André. *América: história e ficção*. Niterói: Eduff, 2006.

histórico bastante evidente em relação ao povo goiano, graças à força estética e de pesquisa empreendida pelo autor, como nos mostra o historiador Paulo Bertran (1998) e que, além da preocupação primeira, ainda se torna grande por ter as raízes no povo, como o faz toda literatura de viés social, para lembrar as premissas postas por Benjamin (1985) para esse tipo de produção.

Para se chegar aos resultados que pretendíamos com a pesquisa, era preciso antes determinar algumas frentes de trabalho. Sendo assim, o primeiro capítulo desse estudo foi, predominantemente, uma abordagem sobre as fontes de pesquisa histórica a que se dedicou Bernardo Élis para a confecção de seu romance. Ao longo de toda a dissertação, serão mostrados os diálogos escritos entre literatura e história, ilustrados por reflexões teórico-críticas das duas áreas citadas. E por isso mesmo, o capítulo que abre nosso texto propõe, cronologicamente, apresentar como os pilares da historiografia goiana foram sendo construídos, a partir, sobretudo, dos relatos de cronistas e viajantes que por essas terras passaram, desde a descoberta do ouro até as últimas décadas do século XIX. Além disso, se fez importante verificar quais foram os modos de abordagem dos historiadores que escreveram seus textos já no século seguinte. Em grande medida, observamos que alguns estigmas foram sendo construídos ao longo da formação historiográfica goiana. Mas, apresentar o panorama histórico da Capitania, Província e Estado de Goiás foi, primeiramente, intuito nosso, para percebermos em que medida, e de que maneira, o autor de *Chegou o Governador* se vale de tais relatos em seu romance. Desde agora, fiquemos avisados: neste capítulo, percorreremos as terras goianas conduzidos pelos diferentes olhares lançados sobre o centro-oeste brasileiro durante o vasto século XIX.

O segundo capítulo pretendeu uma longa discussão sobre o envolvimento indissociável da literatura com a história, aquela vista como uma forma privilegiada de se fazer a leitura desta, para lembramos os conceitos postos por Antônio Roberto Esteves (1998). Esse diálogo, inerente ao percurso crítico da literatura, parece nunca ter perdido a sua força e importância, daí a necessidade de apresentar algumas discussões sobre o assunto, até mesmo porque, segundo Fábio Lucas a história e a literatura “constituem um relato no fundo do qual repousam arquétipos e vagas reminiscências históricas. Ademais, como é próprio da ficção, há sempre a tentação de investigar a essência do ser humano e as contingências existenciais” (2004, p. 15). Percebe-se, desta forma, que o envolvimento entre as duas áreas do conhecimento humano é antes uma busca necessária para a compreensão mais complexa, e

porque não mais justa, da matéria a ser recuperada, seja pela história, seja pela literatura. Por isso mesmo, foi-nos imprescindível consultar teóricos e críticos importantes como Aristóteles, Mikhail Bakhtin, Theodor W. Adorno, Ian Watt, Georg Lukács, Erich Auerbach, Peter Burke e Antonio Candido para então compreender de que maneira o diálogo entre história e literatura se constitui. Ao fazê-lo, a pesquisa fundamenta de maneira mais concreta a afirmação de que Bernardo Élis, ao compor seu romance de extração histórica não pode, e nem poderia, ficar ileso aos recursos estéticos e históricos que regem as produções que mesclam os dois campos aqui elencados. Previamente sabidos desse envolvimento epistemológico, o passo seguinte foi compreender de que maneira o gênero romance assimila essa busca da matéria social à matéria fictícia, tendo em vista a própria especificidade desse gênero da modernidade, que surge “da necessidade de representar adequadamente as novas formas sociais de vida, nas quais as relações entre o indivíduo e a sociedade são mais complexas do que nos séculos anteriores” (ANTUNES, 1998 p. 207-8).

Ainda neste capítulo, o texto redireciona o leitor para duas formas bastante específicas de representação ficcional-histórica, a saber, o romance histórico clássico, teorizado por Georg Lukács e o novo romance histórico, caracterizado por Fernando Ainsa, segundo o qual tem sido praticado a partir do século XX. Para Lukács (1966), o romancista de caráter histórico é aquele que consegue transpor as características históricas da época de determinado povo, fazendo isso com um realismo audaz e penetrante, ao mesmo tempo em que deve ver o específico de sua própria época; a partir de um ângulo histórico pode compreender o movimento próprio da história de forma mais avultada do que propriamente a recuperação narrativa dos fatos ocorridos. É dessa forma que entendemos fazer Bernardo Élis ao voltar-se para a história do povo goiano do início do século XIX, buscando então compreendê-la a partir do movimento próprio da história, por isso mesmo, autor que nesta pesquisa pretendemos nomeá-lo como recuperador das frentes e técnicas de produção do romance histórico clássico, configurado pelo estudioso húngaro². Tanto é assim, que podemos verificar a proximidade entre a preocupação literária de Élis e os objetivos do romance histórico apresentados pelo teórico marxista:

² A teoria de Georg Lukács sobre o romance histórico, que será utilizada aqui, é a versão em espanhol (1966). Por isso mesmo, quando for feita citação da obra de Lukács, no corpo do texto, ela será registrada em português, cuja tradução livre é nossa. O trecho original será direcionado à nota, seguido de indicação para consulta bibliográfica. Registra-se o mesmo sobre os textos de Fernando Ainsa, acerca do novo romance histórico, também em versão de língua espanhola.

Quem analisa o desenvolvimento do romance histórico sem mesquinhez filosóficas, nem mecanismos sociológicos, descobrirá que sua forma clássica procede do grande romance da sociedade e que, enriquecido com a consciente contemplação histórica, deságua novamente no grande romance da sociedade. Por uma parte, o desenvolvimento do romance da sociedade faz possível o romance histórico, e por outra, é este último o que eleva o romance social ao nível de uma autêntica história do presente, a uma história dos costumes, objetivo que já perseguia o romance social do XVIII em suas maiores representações (LUKÁCS, 1966, p. 205).³

Por outro lado, o crítico uruguaio Fernando Ainsa expõe que é a partir da década de 1980 que a produção do romance histórico é retomada com força suficientemente nítida para levantar novos questionamentos. Esse desdobramento do subgênero, que fora iniciado nas primeiras décadas do século XIX por Walter Scott, é reequacionado, tendo por base princípios de produção artística e de apropriação histórica um tanto diferenciados daquele modelo teorizado por Lukács. Segundo o crítico do novo romance histórico, a “nova narrativa tem se dedicado à aventura de reler a história”. Para tanto, ela usa o “*pastiche*, a parodia e o grotesco, com a finalidade de *desconstruir* a história oficial” (AINSA, 1991, p. 82) [grifo do autor]⁴. Perpassar as questões que envolvem a construção do novo modelo de narrativa de extração histórica, tendo em vista que o romance de Bernardo Élis também se aproxima do modelo teorizado por Ainsa e compreender de que maneira *Chegou o governador* transita entre os dois modelos de romance histórico, para então perceber como o romance cotejado se filia à teoria de romance histórico lukácsiana, são os nossos objetivos.

Também vale apontar, já nas considerações iniciais de nossa pesquisa, que a abordagem não pretendeu apresentar reflexões acerca do romance histórico, no que tange ao seu desdobramento mais recente, dito pós-moderno, a saber, a metaficção historiográfica, teorizada, sobretudo, pela canadense Linda Houtcheon. Tal estudo não foi privilegiado neste texto por acreditarmos não corresponder às técnicas de produção artística predominantes no romance cotejado por nossas análises. Para a pesquisadora, a pós-modernidade coloca em xeque a maneira como criamos a história. Segundo Houtcheon, a metaficção historiográfica levanta questões “como a da forma narrativa, da intertextualidade, das estratégias de

³ Quien analice el desarrollo de la novela histórica sin mezquindades filológicas ni mecanicismos sociológicos descubrirá que su forma clásica procede de la grand novela de sociedad y que, enriquecida con la consciente contemplación histórica, desemboca nuevamente en la gran novela de sociedad. Por una parte, el desarrollo de la novela de sociedad hace posible la novela histórica, y por la otra es esta última la que eleva a la novela de sociedad al nivel de una auténtica historia del presente, a una historia de las constumbres, objetivo que ya había perseguido la novela del siglo XVIII en sus más grandes representantes (LUKÁCS, 1966, p. 205).

⁴ Nueva narrativa se há embarcado, así, en la aventura de releer la historia/*pastiche*, la parodia y el grotesco, con la finalidad de *desconstruir* la historia oficial. (AINSA, 1991, p. 82) [grifo do autor].

representação, da função da linguagem, da relação entre o fato histórico e o acontecimento empírico”, em geral faz isso para “tornar problemático aquilo que antes era aceito pela historiografia – e pela literatura – como uma certeza” (1991, p. 14). Não consideramos que o romance histórico de Bernardo Élis poderia se enquadrar nas premissas asseguradas pela metaficção historiográfica, tendo em vista que tanto para o narrador de *Chegou o Governador*, quanto para seu próprio autor, o fato empírico não é posto em questionamento, nem sobre sua autenticidade, nem sobre sua inautenticidade. Ambos crêem na versão historiografada. Tanto é assim que Élis se vale, sem questionamentos, das passagens de vários cronistas e cientistas da história de Goiás do século XIX. Aqui o acontecimento histórico não está sendo questionado puro e simplesmente, mas o desdobramento dos fatos é que está sendo posto em evidência, por meio de indagações que problematizam os resultados obtidos, quase sempre nefastos para o desenvolvimento social, cultural e econômico do território goiano. O período entre os anos de 1804 a 1809 historiografado e recuperado pelo romancista não está, em momento algum, sendo posto à prova. Não se trata de validar ou invalidar a história, antes, o romance de Élis, defendemos, procura refletir sobre os meandros do próprio movimento histórico em Goiás, marcado pelos estigmas do atraso, da dependência e do abandono.

O terceiro capítulo compõe uma discussão sobre a representação em literatura e a tendência de Bernardo Élis acerca dessa prática artístico-social, como aludimos anteriormente. Para isso, fizemos vistas ao conjunto de obras do autor, a começar pela poesia, passando pelos contos, romances e ensaios de cunho literário, cultural e histórico. Essa investida pretendeu clarear uma baliza de produção estética presente no escritor de Corumbá de Goiás, a saber, a da representação social. Ao estudar o apanhado de sua escrita, algumas linhas mestras foram se fazendo evidentes. O contista que recebeu elogios de vários nomes renomados de nossa literatura, já vinha dando sinais em suas primeiras produções de uma escrita evidentemente social, basta citar poemas como “Dasdôres de minha infância”, “A moça do Piauí” ou ainda “A cachaça de meu avô”, dentre tantos outros de vertente estético-social que compõem a coletânea *Primeira Chuva*, publicada pela primeira vez em 1955, mas tendo os seus poemas concluídos há pelo menos uma década antes. Nos romances que escreveu, a preocupação com as questões locais de Goiás é premente, tanto que o sucesso de *O tronco* (1956) evidencia essa verdade, ao levantar várias discussões críticas que margeiam o diálogo entre a literatura e a história goiana contido nesse romance. Já a obra *Chegou o governador*, o romance histórico propriamente dito, enquanto modelo exímio dessa

modalidade de escrita, requer comentários mais contundentes, por se tratar do texto sobre o qual nos debruçaremos mais demoradamente ao longo da pesquisa. Por sua vez, os ensaios de caráter histórico-culturais parecem apresentar os registros mais evidentes da habilidade bernadiana em fazer levantamentos pontuais sobre a sociedade, a economia, a política e a cultura do povo de Goiás. Nos vários escritos dessa modalidade, publicados na coleção *Alma de Goiás* (1987), a perspicácia de um escritor próprio das ciências históricas parece aflorar no ficcionista, por outro lado, isso não faz com que os textos percam a tônica característica dos escritos literários. E assim, a partir desse caminho analítico sobre a produção de Bernardo Élis, tornou-se para nós mais evidente a preocupação do autor em perceber a configuração histórica de seu povo, por isso mesmo, levando-o a produzir, já na reta final de sua investitura literária, o romance histórico, objeto de nossos estudos. Vale destacar a importância desse capítulo para compreender a linha de força de um projeto bernadiano que buscou, ao longo de toda a produção do artista, apresentar a história goiana, ora mais, ora menos evidente nas linhas da ficção. Projeto que tem seu ponto culminante com *Chegou o governador*, obra que apresenta nítido diálogo com a historiografia, oferecendo, em seu enredo, uma reflexão crítica sobre a constituição social, política e econômica do povo de Goiás.

Só então, embasados de todos esses pressupostos, entramos no mundo da obra, buscando verificar nela as características que fundamentam a narrativa de extração histórica, sobretudo em relação à sua preocupação primeira – como demonstrou Lukács ao analisar as obras de Walter Scott – perceber o específico de dada comunidade humana, o movimento histórico que rege e representa as camadas sociais de todas as épocas, dando a ver, a partir de um episódio privado, a totalidade histórica coletiva. Segundo Fredric Jameson, o mote factual, no romance histórico, “reorganiza o tempo ao redor de si e torna possível situarmos nossa própria existência no quadro da história coletiva” (2007, p. 191). Para o crítico, essa espécie narrativa, “deve, de algum modo, estar presente em carne e osso, e pela multiplicidade mesma de seus participantes representar alegoricamente aquilo que transcende a existência individual” (JAMESON, 2007, p. 191). É assim que se configura *Chegou o Governador*, de Bernardo Élis, uma obra que expõe os caracteres do povo goiano, agentes e reféns de sua própria história.